

Desvelando identidades: realismo e subjetividade em *Rio-Paris-Rio*, de Luciana Hidalgo

Ricardo Araújo Barberena*
Ana Carolina Schmidt Ferrão**

Resumo: O realismo tem impregnado a literatura brasileira por muito tempo, assumindo, inclusive, um caráter ideológico. Ele permanece na prosa contemporânea, ainda que apresentando novas faces. Em *Rio-Paris-Rio* (2016), há uma forte perseguição identitária, tanto individual quanto coletiva, impulsionada e fundamentada na memória, retomando não apenas a trajetória política do país como também as lembranças pessoais das personagens. Nesse sentido, o realismo e a subjetividade tornam-se aliados na elaboração dos acontecimentos históricos e dos sujeitos envolvidos. Silêncio e segredo são transcendidos pela força da herança, da inescapável memória que contamina a todos.

Palavras-chave: Realismo. Identidade. Memória. Subjetividade.

Abstract: Realism has impregnated Brazilian literature for a long time, assuming ideological traces. It can still be found in contemporary prose, even if it has developed new features. In the book *Rio-Paris-Rio* (2016), there's notable identity persecution, in an individual and collective level, fueled and grounded in the concept of memory, which resumes the country's political trajectory as well as the character's personal memories. In this sense, realism and subjectivity become allies in the reconstruction of historical events and its characters. Silence and secrets are transcended by the strength of heritage, the inescapable memory that contaminates everyone.

Key-words: Realism. Identity. Memory. Subjectivity.

Resumen: El realismo ha impregnado la literatura brasileña durante mucho tiempo, incluso asumiendo un carácter ideológico. El permanece en prosa contemporánea, pero presenta nuevos rostros. En *Río-Paris-Río* (2016), existe una fuerte persecución de identidad, tanto individual como colectiva, impulsada y basada en la memoria, reanudando no solo la trayectoria política

* Docente de Teoria Literária, com ênfase em Literatura Brasileira Contemporânea na PUCRS. Coordena o GT da ANPOLL Literatura Brasileira Contemporânea e o Grupo de Pesquisa "Limiares Comparatistas e Diásporas Disciplinares: Estudo de Paisagens Identitárias na Contemporaneidade". Membro do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC/CNPq). <http://orcid.org/0000-0002-6619-4341>

** Doutoranda em Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e bolsista integral CNPq. <http://orcid.org/0000-0002-2089-6479>



del país sino también los recuerdos personales de los personajes. En este sentido, el realismo y la subjetividad se convierten en aliados en la elaboración de eventos históricos y de las personas involucradas. El silencio y el secreto son trascendidos por la fuerza de la herencia, de la memoria ineludible que contamina a todos.

Palabras-clave: Realismo. Identidad. Memoria. Subjetividad.

Introdução

Literatura e identidade possuem uma forte ligação, posto que a primeira faz parte de um processo de elaboração da consciência brasileira, de acordo com Sússekind (1984, p.30), “de uma literatura se exige que exiba semelhanças com a *tradição* nacional a que pertence”. Bem sabemos que desde José de Alencar – que, segundo Bernd (1992), valeu-se da ideologia indianista para fundamentar o orgulho da nacionalidade brasileira –, a literatura foi usada como ferramenta para criar um projeto de identidade nacional, tão bem construído que alguns de seus traços vigoram até hoje. Bernd, por sua vez, afirma que duas funções podem ser atribuídas à literatura nesse âmbito:

[...] há a função de dessacralização, de desmontagem das engrenagens de um sistema dado, de pôr a nu os mecanismos escondidos, de desmistificar. Há também uma função de sacralização, de união da comunidade em torno de seus mitos, de suas crenças, de seu imaginário, ou de sua ideologia (BERND, 1992, p. 17).

O projeto de identidade nacional iniciado no romantismo apresentava, obviamente, um caráter sacralizante, através, por exemplo, da criação da figura heroicizada do índio. No modernismo, no entanto, foi promovida uma dessacralização, já que se tratava de um movimento mais ligado ao âmbito político. Guardadas as peculiaridades de cada movimento, tanto o romantismo quanto o modernismo dedicaram-se a definir um caráter no qual a alma nacional pudesse ser espelhada. O realismo¹ foi então adotado, no intuito de suprir essa necessidade de uma formação

¹ O termo “realismo” utilizado neste texto refere-se a uma tendência estética presente na ficção contemporânea, como explica Pellegrini (2012, p.38): “Vale brevemente lembrar que, desde o seu

identitária, de uma literatura que desse conta de vincular a nação, o passado e seu povo. Entre essas flutuações, o caráter histórico acabou muitas vezes sobrepondo-se ao ficcional. Desse modo, o quesito documental atribuía, então, a credibilidade e seriedade necessárias para a formulação de uma identidade nacional. No entanto, essa característica nem sempre coexistia em perfeita harmonia no contexto literário, pois "quando esse realismo ocupa de forma tão radical a literatura, excesso de realidade pode se tornar banal, perder o impacto, começar a produzir indiferença em vez de impacto" (REZENDE, 2008, p. 25).

Süssekind relata que tal ação rompe os laços entre o texto e a literatura, vinculando-o à outra vertente,

Quando um romance tenta ocultar sua própria ficcionalidade em prol de uma maior referencialidade, talvez os seus grandes modelos estejam efetivamente na ciência e na informação jornalística, via de regra consideradas paradigmas da objetividade e da veracidade (SÜSSEKIND, 1984, p. 37).

Ou seja, um retrato construído com muitos dados, fatos, documentos e pouca ficção. Assim, ficcionalidade e subjetividade eram preteridas na formação do texto. A memória de um povo deveria ser construída e reconstruída, e tal tarefa impunha certos sacrifícios. Desde os primórdios que por intermédio da arte pode-se vislumbrar o passado e, por conseguinte, a história de uma nação; sendo a literatura um importante registro linguístico, capaz de sobreviver à corrosão dos anos, é compreensível que seja através dela que se queira perpetuar uma identificação nacional, o que Assmann (2011, p. 209) reforça ao dizer que "A força de conservação da escrita é, portanto, tão grande quanto sua força germinal para renovar pensamentos antigos".

A memória, evidentemente, é a mais potente conexão com o passado, por isso o realismo se apropria dela, em suas diferentes formas, para reconstituir uma

surgimento como estilo, no bojo do positivismo, realismo tem sido usado para definir qualquer representação artística disposta a "reproduzir" o mundo concreto e suas configurações. E, de modo geral, aceita-se que ele emergiu de um processo histórico-social específico: a ascensão da ideologia burguesa europeia, dando uma forma própria à cultura e trazendo o povo para o centro da cena, com uma postura politicamente rebelde. Libertário, subversivo, confiante, contestador de tradições e instituições, encarnava então o que havia de mais moderno em arte e literatura. Assim cresceu e se ramificou, fazendo da vida quotidiana e da luta do indivíduo contra um "mundo externo" seu tema preferencial."

representação, segundo Bhabha (2013, p. 21), “O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição”. Sem dúvida alguma, a identidade é um processo memorial. Portanto, se o objetivo é capturá-la, através do realismo não apenas se resgata a memória coletiva, como também se cria uma. Não por acaso Candau (2014, p. 16) assegura que “É a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade”. No que diz respeito especificamente à memória coletiva, Assmann (2011, p. 116) explica que “A ficção encena recordação (coletiva) como atualidade fingida, traz de volta ao presente o passado (partilhado)”. Ou seja, a ficção é instrumento na projeção da história da nação.

Desvelando identidades

Em *Rio-Paris-Rio* (2016) a dessacralização também acontece, só que, ao contrário da focalização dos acontecimentos históricos, o que se dá é o equilíbrio entre os dois tipos de memória, que, ao invés de contrárias, são complementares para a formação da identidade coletiva e individual. A memória do sujeito também compõe a memória da nação, e ambas enraízam identidades, como bem salienta Candau (2014, p. 16):

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento.

O realismo que anteriormente visava perpetuar um projeto de representação, dentro desse romance acaba por trazer uma nova perspectiva para formular as identidades coletivas e individuais. A crítica social característica não é negligenciada. Ela segue tendo sua importância no romance, apenas se configura de outra forma, “A

expressão política da literatura quer dizer que a literatura faz política enquanto literatura, isto é, supõe que há uma ligação essencial entre a política como forma específica de prática coletiva e a literatura como prática da arte de escrever” (REZENDE, 2014, p. 15). Os apontamentos políticos são abordados através da problematização, não de uma repercussão da tradição estabelecida, lançando questionamentos que não buscam afirmações absolutas sobre a identidade do povo, mas que apontam as nuances e contradições que a constroem.

Mesmo estando em Paris, muito distante dos problemas que acometem o Brasil, o grupo lá instalado reflete sobre o cenário caótico, “Há agora um silêncio que é um luto pelos que lá ficaram e resistem e discutem e manifestam e em breve estarão mortos” (HIDALGO, 2016, p. 52). Há também a inserção da subjetividade. Nessa obra conhecemos a personalidade de Maria e Arthur, suas convicções políticas, seus conflitos entre o coletivo e o pessoal. A memória de ambos também é parte da memória do Brasil e vice-versa, “Em suma: definimo-nos a partir do que lembramos e esquecemos juntos. Reformulação da identidade sempre significa também reorganização da memória, o que também vale, como bem sabemos, para a comunidade e não menos para indivíduos” (ASSMANN, 2011, p. 70).

Nesse sentido, o realismo apresenta-se reconfigurado. A narrativa não mais propõe o silenciamento das subjetividades, não busca imolar a ficcionalidade em prol de uma pretensão da realidade, entre outras transformações:

O exame de Scollhammer é oportuno por identificar a permanência do realismo ao longo do século XX, mas, principalmente, por colocar em relevo que tal movimento operado se baseia em um constante exercício estético que produz uma distinção frente ao modelo clássico. É traçada uma espiral, produzindo um efeito de expansão que parte de um único eixo. O modelo clássico do realismo histórico do século XIX, sobretudo a descrição minuciosa dos ambientes, que apontavam para a busca de um “efeito real”, como caracterizou Roland Barthes, passam a ser ressignificados e articulados a partir de uma nova configuração de realismo (PATROCÍNIO, 2012, p. 58).

A vida dos personagens divide protagonismo com a questão histórica, andam paralelas, cruzando-se em alguns pontos, já que, de acordo com Schøllhammer (2009, p. 10), “O escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se

relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente”. Maria e Arthur se conhecem em Paris, ela é estudante de filosofia e ele, poeta de rua, ambos em uma espécie de exílio no exterior, mas com motivações diversas.

O desenvolvimento da relação amorosa que criam, assim como o progressivo transparecer de suas personalidades, é concomitante aos acontecimentos políticos que se desenrolam no Brasil, oriundos da ditadura. Sobre esse viés, Schøllhammer (2009) explica que, na literatura contemporânea destacam-se duas diferentes vertentes, sendo elas “a brutalidade do realismo marginal” e “a graça dos universos íntimos e sensíveis”, muito embora ele rejeite tal dualidade e afirme que:

A literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima, privilegiando apenas a realidade exterior: o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 15).

Definição essa na qual a obra de Hidalgo certamente se encaixa perfeitamente. Por um lado, Maria é uma insegura estudante em conflito familiar, que se envolve emocionalmente com um homem que é seu oposto; por outro lado, é também a neta de um importante general por trás do golpe.

Considerando a avaliação de Schøllhammer (2009, p. 11) referente à demanda de realismo na literatura brasileira hoje, “Essa demanda não se expressa apenas no retorno às formas de realismo já conhecidas, mas é perceptível na maneira de lidar com a memória histórica e a realidade pessoal e coletiva”, percebemos que a memória de Maria — sua infância e convivência com o avô — é também perpassada pelos acontecimentos relacionados ao regime ditatorial brasileiro. A ruptura da qual trata Rezende ao caracterizar um novo sistema literário, é um dos aspectos que dialoga com a narrativa em análise:

A ruptura com a tradição realista da literatura, não pelo uso de recursos ou formatos próprios da ficção não realista como o absurdo ou o real-imaginário latino-americano, mas pela apropriação do real pelo ficcional de formas diversas, com a escrita literária rasurando a realidade que, no entanto, a

incorpora. O documental e o ficcional podem conviver na mesma obra, como acontece em outras criações artísticas contemporâneas (REZENDE, 2014, p. 14).

É nesse sentido que a narrativa constrói identidades. O relato do assassinato de Edson Luís, que se tornou um ícone do movimento estudantil contra o regime militar, surge no enredo em meio aos debates do grupo de Marechal, vizinho revolucionário de Maria. O fato real é inserido no contexto de reflexões e questionamentos da personagem. Nem a ficcionalidade e nem a historicidade precisam apartar-se do texto:

Desde que chegou, Ciaiei só fala do confronto da polícia com os estudantes no restaurante Calabouço, no Rio. De um mero protesto de secundaristas agigantou-se um movimento contra a ditadura. Ele estava lá. — A polícia chegou com aquela truculência, os caras reagiram, e os homens recuaram, mas depois voltaram atirando, o Edson Luís foi morto à queima-roupa, aí fizeram um cortejo com o corpo dele pelo Centro. Quando eu soube, corri pra lá, acompanhei tudo, mas de longe, não sou bobo, sei que a CIA está por trás disso, eu não podia aparecer, meu pai tem os capangas dele... Marechal dá um viva frenético pelo relato. Tem certeza de que, fato repercutido, o sistema militar se desmantela. Como se liderasse uma frente de batalha, diz, solene: — O mártir não terá morrido em vão! (HIDALGO, 2016, p. 54).

Outro fator importante a ser destacado na obra de Hidalgo é que, além de abordar subjetividades em meio ao realismo, as inconstâncias dos sujeitos da narrativa são apresentadas. Não há preocupação em manter uma aparência de unicidade, de padronizar indivíduos e suas práticas, para então oferecer uma identidade homogênea, como, de fato, inúmeras vezes foi o objetivo a ser alcançado por meio do realismo, uma espécie de farsa da completude, assim explica Hall (2004, p. 38), “nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude”. Quem representa bem essa questão é a figura do avô de Maria:

Gostaria de contar a ele o quanto foi mimada pelo general, esse mesmo que integra a corja de ditadores brutais no Brasil, o quanto o avô faz falta, afinal, antes de tudo isso, não era mau assim, pelo contrário, sempre abria uma via de ternura no autoritarismo por onde ela passeava sem medo. Se fosse preciso, ela iria ao tribunal testemunhar a seu favor, provar as virtudes do general, basta contar a sua infância, passar slides, apresentar fotos e evidências (HIDALGO, 2016, p. 55).

A identidade do general foge da representação estereotipada, trazendo as contradições comuns de qualquer e todo indivíduo, pois, como ressalta Hall (2004), ainda que o sujeito vivencie sua identidade como se ela fosse “reunida e resolvida”, na verdade ela é sempre “partida ou dividida”. Ou seja, o romance rompe com essa idealização de propagação de uma falsa identidade fechada e estanque, dando espaço para a inserção de rupturas, tanto pessoais quanto coletivas. As ambiguidades não são escondidas ou empurradas para “baixo do tapete”, fazendo, então, um movimento contrário ao que Süsskind descreveu: “a construção de uma história literária, como a de uma árvore genealógica, se faz com o ocultamento das diferenças e descontinuidades” (1984, p. 33). Nesse contexto abrangem-se diferentes alteridades — uma postura que vem crescendo na contemporaneidade —, estabelecendo também uma quebra de maniqueísmo, posto que, ao decorrer da trama, não apenas as ambiguidades pessoais são expostas, como também as ideológicas, de caráter coletivo.

Além do dilema que Maria sofre em relação ao avô, visto que se posiciona contra o regime militar, a estudante apresenta uma visão muito crítica e reflexiva em relação a todos que a cercam, sendo ela a personagem que exprime as ambivalências de alguns discursos, como o de Marechal, por exemplo, “Sempre que o ouve se agitar em discursos, Maria sabe que daria um grande revolucionário ou ditador, isto é, vocações que o carisma e o poder garantem, uma vez unidos e manipulados, pendendo para um lado ou outro” (HIDALGO, 2016, p. 14). Em certo trecho, Maria presencia uma leitura acalorada feita por Arthur e Martine do livro do líder chinês Mao Tsé-Tung. Diante de frases tão fortes, ela percebe a semelhança fanática de movimentos políticos totalmente opostos:

Ele continua a ler, agora sério, reflexivo, remetido ao Brasil, e só Maria percebe. Martine, que sequer saberia apontar nos globos da mãe onde fica o país dos dois, ri, histérica, meio que para agradar, e acrescenta: — Devemos apoiar tudo que o inimigo combate e combater tudo que o inimigo apoia! Essa última frase soa estranha aos ouvidos de Maria que, confessa, nunca leu Mao. É como se ouvisse o avô, altivo e ao vivo. As palavras soam tão militarescas que poderiam representar o slogan do general de qualquer exército do mundo. Mas não, é de um revolucionário comunista. Há aí um mistério ou um equívoco (HIDALGO, 2016, p. 73).

Através das vivências que possui com essas pessoas de pensamentos tão distintos, comunistas e conservadores, Maria percebe que o radicalismo presente em diferentes ideologias e crenças pode ser igual. Dessa forma, o texto traz apontamentos que evidenciam as identidades contraditórias, os pontos de confluência e os de fissura. No que se refere à subjetividade, ela é traçada através das vivências do presente e das memórias pessoais, tanto quanto das memórias coletivas, misturadas no barro que forma o sujeito. Até recordações aparentemente banais cumprem o papel de revelar características sobre as personagens:

Ela lembra exatamente por que ficou assim tão detalhista. É que um dia, pequena, pequena ouviu alguém dizer que Deus estava no detalhe. Não sabia bem o que isso significava nem quem era o sujeito, mas a avó beata a ninava com canções que falavam dele, e ela dormia tão bem. Devia ser alguém importante, pois estava em tudo: nos agradecimentos (Deus te pague!), bênçãos (Deus te abençoe!) e despedidas (vai com Deus!). Tudo tão otimista e exclamativo (HIDALGO, 2016, p. 40).

Um episódio simples da infância de Maria expõe um traço de sua personalidade. Muitos fragmentos do texto são destinados ao desnudamento da personalidade dos protagonistas, seus anseios, sonhos, medos e expectativas. Arthur e Maria são, por natureza, antagônicos, assim como as crenças políticas de suas famílias. Ambos estão tentando se desvencilhar do passado, apagar a memória, que, para eles, impulsiona crises identitárias, “A memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade, tal como mostram os trabalhos sobre as lembranças de traumas e tragédias” (CANDAUI, 2014, p. 18). No passado, na história de suas famílias, existem pontos de dissonância entre eles, informações que poderiam causar cisões e dores. O casal procura calar todas as raízes, dissipar os trajetos que os levam às suas origens:

Para ele, pouco importa Maria em sua pré-história, raízes ou heranças. Importa o destino que compõem os dois a cada frase que silenciam, na memória que recalcam. Fatos familiares se perdem no caminho de um até outro. Eles se inventam aí onde faltam. [...] Falam pouco do passado, enterrado num cemitério de famílias. Basta criar um futuro dissociado da genealogia, os dois concordam. Jogam uma pá de cal no pretérito, desprezam vícios de gerações. Ingenuamente se acreditam maiores do que tudo aquilo que os formou. [...]

Afinal, ninguém escolhe a infância e é quase uma obrigação apagá-la, inventar outra no lugar (HIDALGO, 2016, p. 31).

Arthur e Maria tentam ver um ao outro apenas como uma presença, imune a qualquer conexão externa ou anterior. Não obstante, seria ingenuidade supor que a memória da família não afeta o indivíduo, que a narrativa de si é isolada, que a história é só de uma pessoa, sem interferências. A herança contamina e persegue, Maria sabe disso:

Às vezes também acha mais simples relaxar no conforto das convenções, como agora, caminhando madrugada adentro ao lado de um típico exemplar da aristocracia francesa. Sabe apenas que isso não dura, não para ela, a proscrita, herdeira de uma linhagem maldita sobre a qual está proibida de falar há anos, por zelo ou apenas por vergonha, desde o golpe militar no país de onde vem. Um golpe que sepultou a nação, sua adolescência e tantas juventudes (HIDALGO, 2016, p. 46).

Como salienta Butler (2015, p. 18), "O "eu" não tem história própria que não seja também a história de uma relação, ou um conjunto de relações". E não apenas suas narrativas sofrerão interferências, como sua própria essência. Seu espírito é formado por esses fragmentos de outros, por essas marcas inerentes, que são reconhecidas apesar de toda relutância:

O passado de Arthur, que ecoa assim em cartas de estranhos, de uma gente que Maria nunca conheceu, de quem não ouviu falar, a incomoda. Prefere o plano anterior, ignorante da vida do outro, com o presente fundando um futuro que despreza o passado. Mas não se pode levar a vida inteira assim, e o que passou agora vaza, infiltra as paredes do quatinho antes perfeito com o que toda herança tem de maldito. Falta ar. Maria respira fundo, pensa no avô, no irmão morto. Falta ar. Arthur repara, ela sufoca. Não se move, apenas expira, como se não tivesse mais o direito de inspirar, de aí estar. O silêncio da neta do general, o silêncio da neta do general, ela própria reconhece, entristecida (HIDALGO, 2016, p. 53).

A herança familiar, ou como diz o narrador, "o gene" que habita as personagens, pode ser um fardo demasiadamente pesado. Segundo Assmann (2011, p. 117), "A recordação não é reflexo passivo de reconstituição, mas ato produtivo de uma nova percepção", portanto, através desse processo de rememoração, novas perspectivas e

modelagens são estabelecidas, talvez reconciliando presente e passado. O esquecimento, que Maria e Arthur tentaram empreender, faz parte da memória, segundo Assmann (2011, p. 107), “O objeto da recordação está marcado pelo esquecimento, e o esquecimento torna-se um aspecto indelével do recordar: a recordação traz em si vestígios do esquecimento”, ainda que ele seja tão necessário quanto insuficiente. Apesar e acima de tudo, as diferentes manifestações da memória transcorreram no texto, cumprindo seu propósito subjetivo e político. Grito e silenciamento cumprem o mesmo propósito nessa obra: moldam identidades.

As escolhas das personagens sobre o que apagar ou o que lembrar são explícitas marcas de suas subjetividades. Nesse sentido, a narrativa, habilmente construída, situa personagens exilados em contato com a nacionalidade latente de outro país, o que propicia a reflexão sobre sua própria nacionalidade e os coloca “cara a cara” com seus conflitos. Sem dúvidas há uma formatação diferenciada do realismo na literatura contemporânea, da qual só se pode tirar uma certeza: ainda buscamos incessantemente uma identidade, seja ela contraditória ou unificada, através de “rasuras do real” (REZENDE, 2014) ou de subjetividades.

Referências

- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CANAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HIDALGO, Luciana. *Rio-Paris-Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

PATROCÍNIO, P. R. T. Do. A volta da realidade das margens. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 39, p. 57-75, 5 jun. 2012.

PELLEGRINI, T. Realismo: modos de usar. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 39, p. 11-17, 5 jun. 2012.

REZENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

SCHØLLHAMMER, Karl Eric. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

Recebido em: 24/04/2020

Aprovado em: 24/06/2020